

ARTIGO

Redimensionando a noção de dêixis: o @ como recurso dêitico na tecnodiscursividade

Resizing the notion of deixis: @ as a deictic resource in technodiscursivity

Mayara Arruda Martins 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

E-mail: contato@mayaramartins.me

RESUMO: Neste trabalho, visamos propor um redimensionamento da noção de dêixis e de campo dêitico, de modo a abarcar as peculiaridades da interação dêitica (eu-tu) em contexto digital. Baseamo-nos em autores como Bühler (1934) e Benveniste (1988) no que tange à noção de dêixis e enunciação, além de nos fundamentarmos em Cavalcante (2000), Ciulla (2008) e Martins (2019). Em relação ao campo dêitico, filiamo-nos à concepção ampliada de Hanks (2008) e agregamos a ela os estudos tecnodiscursivos de Paveau (2021). Como referencial teórico da área específica de pesquisa, a Linguística Textual, utilizamos os pressupostos de Cavalcante *et al.* (2022) e Cavalcante *et al.* (2019). Metodologicamente, demonstramos, por meio de capturas de tela, dois exemplos da rede social Instagram para demonstrar nossas discussões. Como resultados parciais, chegamos à constatação de que o modo de mencionar nas redes sociais pela utilização do @ pode assumir um caráter dêitico, uma vez que revela posicionamentos e engaja usuários, além de evidenciar papéis sociais e identidades que eles assumem ao interagir por meio de textos.

PALAVRAS-CHAVE: Dêixis, Campo dêitico, Interação, Contexto digital, Tecnodiscursividade.

ABSTRACT: In this paper, we aim to propose a resizing of the notion of deixis and deictic field, in order to include the peculiarities of the deictic interaction in a digital context. We base ourselves on authors such as Bühler (1934) and Benveniste (1988) regarding the notion of deixis and enunciation, in addition to Cavalcante (2000), Ciulla (2008) and Martins (2019). About the deictic field, we join the expanded conception of Hanks (2008) and add to it the studies about technodiscourse of Paveau (2021). As a theoretical reference for the specific area of research, Textual Linguistics, we use the studies of Cavalcante *et al.* (2022) and Cavalcante *et al.* (2019). Methodologically, we demonstrate, through print screen, two examples of the social network Instagram to demonstrate our discussions. As a result, we conclude that the way of mentioning in social networks through the use of @ can assume a deictic character, since it reveals stance and engages users, in addition to highlighting social roles and identities that they assume when interacting through texts.

KEYWORDS: Deixis, Deictic Field, Interaction, Digital Context, Technodiscursivity.

COMO CITAR

MARTINS, Mayara Arruda.
Redimensionando a noção de dêixis: o @ como recurso dêitico na tecnodiscursividade. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, e1897, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1897>



1 Introdução

Este trabalho surge da motivação em redimensionar o conceito de dêixis para abarcar formas de manifestação desse fenômeno, o qual consiste, grosso modo, na relação que se estabelece entre um *eu* e um *tu* em interação. Nosso objetivo, a longo prazo, no decorrer da pesquisa de doutorado em que se insere este artigo, é o de investigar os gestos linguageiros envolvidos na manifestação da dêixis em textos e interações digitais diversos, considerando os múltiplos sistemas semióticos na criação dos campos dêiticos e no circuito comunicativo estabelecido. Dessa forma, pretendemos, no escopo maior da pesquisa, chegar a uma ampliação da noção de dêixis e de campo dêitico, de modo a abranger mais critérios do que os que serão trabalhados neste recorte. De modo mais específico, pretendemos, neste artigo, propor um redimensionamento da noção de dêixis e de campo dêitico em contexto digital, dedicando especial atenção à manifestação do @ em redes sociais, um recurso tecnolinguageiro que consiste em mencionar usuários, engajando-os deiticamente e, conseqüentemente, envolvendo-os na cena enunciativa.

Temos nos debruçado sobre os aspectos enunciativos, argumentativos, interacionais e intertextuais que podem estar diretamente relacionados à dêixis, além do caráter social, discursivo e tecnológico do fenômeno. Para considerar toda essa complexidade da dêixis, é necessário fazer uma pesquisa interdisciplinar, como nos estudos linguístico-textuais desenvolvidos pelo grupo Protexito (ver Cavalcante *et al.*, 2019; Cavalcante *et al.*, 2022).

Especificamente sobre o fenômeno dêitico, retomamos as constatações a que chegamos em trabalhos anteriores, como em Martins (2019) e Cavalcante e Martins (2020a), ao definirmos a dêixis como um fenômeno maior do que as formas dêíticas a ele associadas e ao incorporarmos o contexto em uma visão ampliada à própria noção do nosso objeto de estudo: o texto. Essa imbricação entre texto e contexto com a qual lidamos vem de Hanks (2008), porque defende, conforme o autor, que o texto se integra ao contexto na própria emergência, isto é, no próprio acontecimento textual, e incorpora, em suas formas de expressão, valores e crenças, tal como preconizava Bourdieu (1981).

À proposta ampliada de dêixis e campo dêitico, incorporamos ainda a perspectiva ecológica de Marie-Anne Paveau (2021), pois temos trabalhado sobretudo com textos nativos digitais, objeto de análise com o qual lida mais precisamente a Análise do Discurso Digital. Por termos nos debruçado com especial atenção sobre os textos nativos digitais, temos postulado considerar a noção de campo dêitico digital, isto é, um “espaço” eu-aqui-agora que se cria em cada cenário em que ocorrem as interações digitais, e uma noção de dêixis que considere sistemas semióticos além do verbal e outros gestos linguageiros que se dão na tecnodiscursividade, como é o caso do @ para estabelecer uma interação direta em redes sociais.

A seguir, apresentamos algumas discussões teóricas de nossa investigação, um recorte metodológico para elucidar nossas considerações e exemplos com reflexões analíticas dos conceitos de dêixis e de campo dêitico no contexto digital, focalizando o gesto linguageiro de mencionar por meio do @.

2 Por uma noção de dêixis mais ampla do que as formas dêiticas

Temos definido a dêixis como um “fenômeno de linguagem”, e, por isso, muito mais amplo do que a noção de dêixis atrelada apenas ao emprego de formas gramaticalmente dêiticas. Como uma condição diretamente relacionada à enunciação, um texto se situa num cenário que apresenta as informações contextuais de pessoa, lugar e tempo, em que os sentidos são atualizados e negociados. Assim, todo texto supõe um quadro enunciativo (*ego-hic-nunc*) que tem como ponto de referência o próprio locutor, que é instaurado como a *origo* da cena, assim como afirmavam os tradicionais como Bühler (1934) e Benveniste (1988). Nesses e em outros estudos, no entanto, a exemplificação do fenômeno consistia em demonstrar as formas disponíveis na língua que se relacionavam ao contexto, como é o caso dos pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, os tempos verbais e os advérbios de tempo e lugar.

Fundamental para nossa análise deste trabalho, na seção específica para este fim, é a dêixis pessoal, que diz respeito às pessoas da interação, que dialogam entre si, intercambiando papéis. O *eu* e o *tu* interagem em uma intersubjetividade, e algumas marcas da língua ilustram esse tipo dêitico, como diz Fonseca (1989): “No caso dos pronomes pessoais, é tradicional a definição de três pessoas com base no papel que desempenham no acto da fala: “a pessoa que fala” (primeira), a “pessoa a quem se fala” (segunda) e a “pessoa de quem se fala” (terceira)”. (Fonseca, 1989, p. 147). Ressaltamos que essa “terceira pessoa”, sobre quem se fala, não tem “voz” na interação e, para fazê-lo, ela precisará, necessariamente, assumir-se como primeira pessoa, tornar-se locutor. No entanto, demonstramos, na seção analítica deste trabalho, que outros recursos tecnolinguageiros passam a funcionar como manifestação de dêixis pessoal na tecnodiscursividade, o que demonstra a relevância de se investigar as interações digitais e os mecanismos de que os usuários se valem.

Em Martins (2019), já defendemos uma visão ampliada do fenômeno, quando tomamos a dêixis como algo maior do que essas formas dêiticas clássicas com as quais costuma estar relacionado. A dêixis abrange, assim, mais do que a situação estrita de comunicação à qual estão relacionadas as coordenadas dêiticas básicas de pessoa, tempo e espaço, como o faziam, por exemplo, estudos mais pragmáticos, como os de Levinson (1983). Aqui, pensamos, sob outra perspectiva, que a dêixis não deva ser pensada a partir da identificação de um locutor empírico em uma dada situação face a face nem deva ser identificada apenas pelas formas dêiticas da língua que a representam, uma vez que:

Um referente não é introduzido no texto apenas por expressões referenciais, nem é retomado somente com outra expressão. Admitir isso é supor, de fato, o objeto de discurso como uma entidade que resulta da dinâmica interacional do texto. Se é para essa constatação que têm se encaminhado as noções de anáfora e dêixis, como fenômenos de referenciação, então será necessário aceitar que o fenômeno da anáfora é mais amplo que o uso de um anafórico, e que **o fenômeno da dêixis é mais amplo que o uso de um dêitico**. (Cavalcante; Martins, 2020a, p. 249, grifos nossos)

É para chegar a uma proposta mais concreta para a ampliação da dêixis, de modo a ser coerente com os pressupostos de referenciação e do texto como um evento que se dá por meio de variados sistemas semióticos – e outros critérios da linguística textual a ela relacionados

– que delineamos esta proposta para investigar os gestos languageiros envolvidos na manifestação da dêixis em textos nativos digitais, como o que se dá via menção em redes sociais.

Essa ampliação do conceito nos leva a refletir sobre como, por muito tempo, a dêixis esteve presente em estudos que priorizavam apenas a análise da língua. Se pensarmos em como os textos se configuram – já há alguns anos – por sistemas semióticos diversos e se recordarmos o princípio básico de como os textos compõem todas as interações, seria incoerente defender uma visão de dêixis restrita apenas à língua, embora já com os avanços das relações contextuais, fundamentais para os estudos do texto. Essa inquietação vem desde Cavalcante (2015), seguida por Martins (2019) e explicitada em Cavalcante e Martins (2020a, p. 269), quando afirmam que “poderíamos definir procedimento dêitico, em sentido mais extenso e coerente com os pressupostos da Linguística Textual, como o uso de recursos textuais para focalizar a atenção do interlocutor e do participante indireto para um dado referente, assim como para situar esse referente em relação ao ponto de origem do locutor.” Por “recursos textuais” que cumprem uma função dêitica, podemos retomar o objetivo deste trabalho, no qual propomos redimensionar a dêixis e o campo dêitico, e pensar em que medida a menção via @ em situações comunicativas que emergem no contexto digital pode se caracterizar como um novo recurso dêitico nesse contexto.

3 Os campos da linguagem e as formas linguísticas

Falar de dêixis é, necessariamente, falar na proposta pioneira de Karl Bühler (1934) sobre o fenômeno, dada a importância da obra *Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache* para os estudos linguísticos, traduzida e publicada apenas recentemente para a língua portuguesa, em 2020. O autor concebia a linguagem como uma forma de representar o mundo. Tais modos de representação se valem de recursos distintos e equivalem a tipos diferentes de signos, e, por esse motivo, ele definiu e caracterizou o que chamamos de “campos de linguagem”.

Cada um desses campos se configura de formas diferentes e possui representações específicas na língua. Ao campo dêitico da linguagem, correspondem as palavras dêiticas, ao passo que ao campo simbólico correspondem as palavras nomeadoras, conforme explicam Ciulla e Martins (2018, p. 80):

Daí a sua proposta de uma divisão em dois tipos de signos linguísticos, os Zeigwörter (palavras mostrativas) e os Nennwörter (palavras nomeadoras). Zeigwörter são, nesta proposta, as expressões dêiticas, que compõem o campo dêitico da linguagem, cujo ponto zero – a origo – é fixado pela pessoa que está falando, pelo local da comunicação e pelo momento da comunicação: eu, aqui e agora, respectivamente. As expressões dêiticas são, para o autor, sinais vazios, cujo sentido é determinado em uma dada situação de comunicação, em que a atenção do destinatário é guiada pelo apontamento do emissor. Em oposição, o campo simbólico compreende as Nennwörter, as quais funcionam, na concepção do autor, como símbolos. O sentido de uma expressão dêitica, para Bühler (1982)[1934], seria determinado, então, em uma situação referencial de apontamento, enquanto que o sentido de uma expressão simbólica seria determinado pela relação com outros itens linguísticos, tanto os do conhecimento linguístico dos falantes, quanto os do conhecimento em uso pelos falantes. (Ciulla; Martins, 2018, p. 80)

Percebamos que Bühler (1934) já considerava toda a criação de um campo para a negociação e o apontamento de referentes. Para isso, mecanismos vários entravam em conjunto no momento da interação, tanto aqueles elementos da *língua* quanto outros recursos de *linguagem*, como os apontamentos gestuais utilizados para a mostração. Ao propor esses aspectos mais mostrativos do campo dêitico e associá-lo à percepção para a identificação dos referentes, consideramos que Bühler (1934) já dava margem para a análise de aspectos contextuais de várias ordens, expandindo, assim, os limites do verbal, e atingindo mecanismos não verbais compartilhados. Esse é mais um dos motivos pelos quais nos apoiamos em Bühler (1934), retomando e ampliando traços da dêixis presentes em sua *Teoria da Linguagem*.

Outro autor fundamental nos estudos da dêixis é Émile Benveniste, que, ao apresentar o célebre “aparelho formal da enunciação”, indica elementos da língua capazes de relacionar o enunciado ao próprio acontecimento enunciativo, tendo em vista o locutor que se instaura como eu, as coordenadas eu-aqui-agora e os desdobramentos que a elas se relacionam.

Para Benveniste (1988), o conceito de enunciação é centrado, assim, na passagem da língua ao discurso, via aparelho formal da enunciação, o que revela, o funcionamento da língua e da enunciação sob uma perspectiva mais estritamente linguística, ainda que, nela, já estejam envolvidos aspectos subjetivos na indicação daquele que passa a ser *eu* no discurso. Para o autor, a enunciação passa a acontecer a partir do momento em que alguém se institui como sujeito ao tomar uma forma da língua disponível para esse fim. É nesse ponto que entram alguns marcadores de subjetividade, dentre eles, os dêiticos, na proposta do autor. Além de possibilitar que o “eu” assuma a fala, Benveniste (1988) relaciona este momento ao momento de instauração do outro, o “tu”. Esses dois trocam os papéis em um diálogo, dando à enunciação um caráter intersubjetivo.

Esse viés enunciativo, portanto, apresenta uma perspectiva mais logocentrada, ainda que Benveniste (1988) se interessasse por uma instância maior em relação ao nível da sentença, por refletir sobre como a língua pode se converter em discurso. O aparelho formal da enunciação, porém, tanto por uma questão de contexto de época quanto pelo fato de o autor se interessar por uma linguística geral, não foi projetado para abarcar os novos modos de interagir, referenciar, apontar e argumentar próprios do contexto digital.

Ainda assim, a proposta enunciativa benvenistiana parece dar conta dos textos, embora novas formas de instauração das coordenadas eu-aqui-agora tenham surgido – e possam ainda surgir – e instigado pesquisadores brasileiros e estrangeiros a desenvolverem pesquisas científicas acerca dessa problemática. É nesse ponto que consideramos a perspectiva ecológica de Marie-Anne Paveau (2021), visto que a autora já considera as práticas de linguagem no contexto digital, pensando na produção de textos nativos digitais e tendo por base a visão compósita de que às ações languageiras correspondem ações tecnológicas, e que essas se hibridizam, necessariamente, dentro do contexto digital.

Desse modo, o que temos proposto sobre a dêixis e o campo dêitico visam a uma associação de formas da língua (o aspecto simbólico) com elementos referidos na situação (o aspecto mostrativo), mas ampliamos, tal como Hanks (2008) a situação comunicativa imediata para um cenário, conforme Goffman (2013), que pressupõe valores sócio-históricos. Além disso, a dêixis deve comportar a utilização de formas próprias dos textos nativos digitais e dos gestos languageiros que surgem nesse contexto. Reivindicamos, assim, um alargamento das análises

do fenômeno que contemple tanto os aspectos estritamente linguísticos quanto os aspectos contextuais amplos, tendo em vista a própria definição de texto com a qual trabalhamos, que pressupõe emergência e incorporação (Hanks, 2008; Cavalcante *et al.*, 2022).

Passamos, então, a uma necessidade de redimensionamento de conceitos, como o que fazemos aqui-agora sobre dêixis e campo dêitico, considerando a dêixis como fenômeno de emergência da intersubjetividade e da(s) identidade(s) desses atores que interagem e da incorporação de valores, saberes e crenças, em que estão associados fatores sociais e discursivos. Associados a essa ampliação da dêixis e do campo dêitico estão os aspectos linguageiros e tecnológicos próprios do contexto digital que nos possibilitam interagir e referenciar nesse contexto – isso é o que nos motiva a propor o que temos chamado de **campo dêitico digital** (Martins, no prelo).

Fundamentais para nossa tomada de decisão por uma investigação que concebe a dêixis de modo mais amplo são os trabalhos de Cavalcante (2015) e Mondada (2015), que refletem sobre o objeto de estudo deste artigo sob uma perspectiva alargada sem, no entanto, abordarem a interação e o texto em ambiente digital.

A primeira das duas autoras problematiza as formas dêiticas em relação aos usos dêiticos. Esses usos dêiticos, na literatura clássica, podem estar relacionados ao monitoramento de referentes que são apontados ostensivamente, mas sem utilização de uma palavra dêitica. Quer esse uso dêitico aconteça, como os exemplos mais clássicos, por meio de um apelo gestual, presentes em obras como *Pragmática*, de Levinson (1983), quer seja motivado por um recurso tecnológico, ele não necessariamente precisa ser expresso por alguma forma dêitica clássica. Acreditamos que, dentro ou fora do contexto digital, necessariamente, esse uso dêitico partirá de uma *origo* e, a partir dela, apresentará recursos de ostensão e de subjetividade, além de exercer, dentre outras, a função dêitica elementar de conquistar o engajamento do outro, chamando sua atenção.

Consideramos como uso dêitico qualquer recurso de linguagem que objetive localizar, guiar ou engajar o interlocutor, ou marcar o posicionamento do enunciador, não apenas em contextos espaciais, mas também afetivos e argumentativos, quer se valham de recursos tecnológicos, quer não. Essas funções dêiticas marcam e enfatizam o caráter metadiscursivo, de engajamento e posicionamento dos dêiticos e da dêixis, conforme apresentam alguns trabalhos do estado da arte: Cavalcante (2000), Ciulla (2002, 2008), Cavalcante e Faria (2009), Martins (2019) e Cavalcante e Martins (2020b).

Já Mondada (2015) ressalta a importância de perceber na dêixis um caráter sociocêntrico e praxeológico, em que os campos sociais e dêiticos se imbricam na emergência do texto, incorporando, além de valores e papéis determinados para os interlocutores nas interações mais específicas, todos os artefatos que estão envolvidos na negociação dos referentes em interação. Segundo a autora:

Uma concepção praxeológica do dizer e do saber identifica como objeto de análise **as práticas e os procedimentos**. Isto significa que, no lugar de privilegiar uma visão de linguagem como código, como sistema, ela convida a debruçar-se sobre as **atividades linguageiras indissociáveis de seus contextos sociais**; no lugar de privilegiar uma visão substancial do saber, ela apreende raciocínios práticos incorporados. (Mondada, 2020, p. 182, grifos nossos).

Estudos como os de Goffman (2011) e Garfinkel (2018 [1967]) também consideravam esses papéis bem definidos nas interações, sobretudo as cotidianas, embora estivessem mais preocupados com a descrição das interações face a face, tomando por base o contexto temporal da produção dos autores, que jamais poderiam sequer prever os rumos que as interações tomariam, especialmente dentro do contexto digital, particularmente da Web 2.0 – e de outras versões da “Web” já existentes.

Esses papéis, no entanto, embora sejam “aprendidos” socialmente de maneira ritualizada, e estejam presentes na memória discursiva e interacional, além de serem compartilhados numa cognição distribuída, como afirma Paveau (2013), só “tomam forma”, só se atualizam, se “textualizam” nas interações, no momento em que o texto emerge. É por meio de textos, no “enunciado único e irrepitível”, que os sentidos se constroem, se atualizam, se negociam e se modificam. É nesse ponto que entram os pressupostos fundamentais da referenciação, como as visões de mundo que os interlocutores compartilham, os conhecimentos indispensáveis que os interlocutores acessam para negociarem sentido, e as identidades, as representações e os estereótipos com que lidam, cultural e socialmente.

4 O campo dêitico da linguagem e o campo dêitico digital

A proposta de campo dêitico presente em Hanks (2008) busca conjugar a noção de campo social de Bourdieu (1981) e a teoria dos campos da linguagem de Bühler (1934), uma vez que o autor une tanto os elementos constitutivos dos campos mostrativo e simbólico quanto os papéis sociais que os agentes desempenham nas situações comunicativas das atividades humanas. Hanks (2008) se baseia ainda no conceito de cenário de Goffman (2013), segundo o qual há uma espécie de “encenação” presente em toda interação.

É em Hanks (2008) que encontramos amparo teórico para afirmar que em todo texto há emergência e incorporação, conforme afirmamos anteriormente, desde a introdução. Para o antropólogo, os conceitos podem ser definidos da seguinte forma: “A emergência está associada ao chamado tempo real da produção do enunciado e da interação, e a incorporação descreve a situação dos enunciados em algum contexto mais amplo.” (Hanks, 2008, p. 124).

Os conceitos redimensionados de dêixis e campo dêitico que apresentamos neste trabalho estão igualmente relacionados ao contexto digital, pois defendemos que os cenários que estabelecem os campos dêiticos nos textos pré-digitais devem ser considerados também dentro da imbricação entre os gestos linguageiros e tecnológicos que caracterizam a tecnodiscursividade, conforme definem Cavalcante *et al.* (2022):

De acordo com Paveau (2021), o “tecnodiscurso” se refere às produções textuais realizadas na internet, com as ferramentas disponíveis nessa mídia, ou seja, são textos projetados, produzidos e propagados no contexto digital on-line. Estamos aspeando o termo “tecnodiscurso” para dizer que **preferimos um outro modo de nomear esse fenômeno**, já que não se trata de um texto muito menos de um discurso, mas sim, de um **pressuposto de que os atos de linguagem se integram a recursos tecnológicos direta ou indiretamente**, numa tecnodiscursividade. (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 57-58, grifos nossos).

Portanto, é por meio dessa abordagem abrangente, que une os aspectos simbólicos, mostrativos, sociais e contextuais, que o campo dêitico proposto por Hanks (2008) se revela como uma ferramenta teórica significativa para a compreensão das dinâmicas comunicativas e das práticas discursivas presentes nas comunidades de indivíduos. A essa proposta, agregamos as peculiaridades dos textos na tecnodiscursividade e esboçamos, a seguir, em que consiste essa ampliação conceitual, que denominamos campo dêitico digital.

Conforme argumentamos, os campos da linguagem, dentre eles o campo dêitico, vinham sendo analisados fora do contexto digital, mas faz-se necessário analisar esses deslocamentos do texto no contexto digital, bem como os novos modos de interagir para se posicionar e engajar o outro.

Reivindicamos, junto com os pesquisadores do grupo de pesquisa Prottexto, que os conceitos precisam ser elásticos para acompanhar as interações que acontecem dentro do contexto digital, essencialmente hibridizadas entre o tecnológico e o linguageiro. Aqui, ao lidarmos com a dêixis e o campo dêitico, sentimos igual necessidade de redimensionamento, de modo a abarcar as peculiaridades da produção e recepção dos textos dentro de cada plataforma digital, de cada ecossistema e das possibilidades, constantemente mutáveis, que o mundo “em rede” fornece aos usuários.

Consideramos que o campo dêitico, ou seja, o campo de relação entre papéis sociais e identidades dos interlocutores percebido pelas coordenadas eu-aqui-agora que parte do locutor, deve abarcar também o contexto digital, para que se possam verificar os novos modos de configuração da relação eu-tu e os aspectos que dizem respeito à construção espaçotemporal que se cria na tecnodiscursividade. Pensando nisso, definimos o campo dêitico digital como:

o “espaço” criado dentro do contexto digital a partir da instauração de uma *origo*, por meio de recursos próprios aos ecossistemas digitais, que geram novos modos de interagir, de referenciar e de argumentar, uma vez que, nesse contexto digital, deve-se considerar tudo aquilo que é incorporado no processo de criação do sistema de coordenadas eu-aqui-agora não previstos no contexto pré-digital (Martins, p. 99, no prelo).

Sob esse ponto de vista, é mister considerar aquele que diz “eu” dentro do contexto social e tecnológico em que ele está inserido, contemplando as posições que ele ocupa e observando como elas se relacionam às dos demais indivíduos, analisando papéis e identidades sociais que emergem nos diferentes textos.

A noção de campo dêitico digital corrobora, assim, a visão de que os papéis sociais não são atrelados ao sujeito empírico (“de carne e osso”) que desempenha uma função ou reveste-se de dada identidade em determinada interação social, e complementa que esses papéis podem também ser assumidos por indivíduos não-humanos e são sempre atualizados no texto, modificando-se a cada interação. Por outro lado, ao mesmo tempo em que acontecem, as práticas sociais são também relativamente previsíveis, têm um certo padrão e se relacionam a funções de atores sociais dominantes e esperados nas situações, assim como podem ser assumidas por indivíduos não-humanos, embora esse não seja objetivo deste trabalho, por questão de recorte metodológico.

5 Algumas reflexões analíticas para o redimensionamento da dêixis e do campo dêitico digital – com especial atenção para a dêixis pessoal e o uso do @

Este trabalho se enquadra no escopo da linguística textual e atenta para os critérios de análise dessa área de investigação, objetivando redimensionar alguns conceitos como os de dêixis e de campo dêitico. Consideramos, para isso, o contexto amplo que permeia qualquer texto, a construção de sentidos que dele emergem e os aspectos tecnodiscursivos nas interações em contexto digital, com base em Paveau (2021). Embora a linguística textual e a análise do discurso digital abordem problematizações diferentes e se interessem por objetos de investigações distintos, reivindicamos uma congruência possível entre essas perspectivas teóricas que se sobrepõem no acontecimento textual em contexto digital, baseando-nos, para isso, em uma “interdisciplinaridade focalizada”, como afirma Charaudeau (2013).

Pretendemos, assim, verificar como a dêixis pode se instaurar e revelar determinados valores e posicionamentos em contextos como o digital, foco deste trabalho. Para isso, como recorte, elegemos três exemplos para demonstração neste artigo e nos valem de capturas de tela, a fim de evidenciar como a menção pela forma @ nas redes sociais revela o modo de criação de um campo dêitico digital e pode revelar identidades associadas ao uso desse elemento. Os exemplos para análise consistem em duas postagens no *feed* de dois perfis no Instagram e uma postagem da página do G1.

Ao demonstrarmos esses exemplos, destacamos, por exemplo, a forma como a dêixis pessoal pode ser evidenciada na tecnodiscursividade por meio do @, recurso próprio das redes sociais, isto é, atrelado à produção de textos nativos digitais. Vejamos, então, como essa relação eu-tu pode ocorrer na tecnodiscursividade no item a seguir.

5.1 O @ como recurso dêitico na tecnodiscursividade

No que tange aos modos de interagir num campo dêitico digital, temos investigado a utilização do recurso “@”, ligado ao gesto tecnolinguageiro de “mencionar” para demarcar as pessoas que se instauram como locutores e evocam interlocutores na tecnodiscursividade. Os exemplos a seguir pretendem discutir alguns aspectos dêiticos relacionados à menção em redes sociais, mas consideramos também que elas podem corresponder a identidades e papéis sociais dos interlocutores envolvidos na cena enunciativa. Destacamos, assim, duas peculiaridades da menção via utilização do @ como recurso na tecnodiscursividade:

- **Gesto tecnolinguageiro de menção pelo @** – nas redes sociais, como Instagram, WhatsApp e Twitter, cada usuário tem um “nome” antecedido pelo elemento “@”.
- **Identidades associadas ao uso do @** – nas redes sociais, como Instagram e X, o nome de usuário pode corresponder ou revelar identidades, papéis sociais e posicionamentos.

Com isso, demonstramos que a escolha do nome de usuário, elemento obrigatório nas redes sociais, mais do que possibilitar ao usuário fazer parte do ecossistema digital específico (nos exemplos analisados, o Instagram), pode revelar identidades e posicionamentos a que esses usuários se filiam.

Nesse exemplo da Figura 1, temos uma postagem do *feed* do perfil do Instagram @carasbrasil. Nessa postagem, a Revista Caras (quem quer que administre a página) assume o papel de locutor ao produzir esse texto e projeta, possivelmente, como prováveis interlocutores os seguidores do perfil. No entanto, por ser um perfil aberto, isto é, sem restrições de acesso apenas a seguidores, é provável que a postagem seja vista por outros usuários que não seguem a página, pois qualquer usuário do ecossistema pode ter acesso à visualização da postagem e aos demais recursos tecnolinguageiros possíveis, como “curtir”, “comentar”, “compartilhar”, “mencionar”, “salvar”, entre outros.



Figura 1 – postagem de feed do Instagram do perfil @carasbrasil.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CtHZFbINMDx/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 05 dez. 2023.

Acreditamos que o perfil aberto se deva a, além do fato de representar uma empresa, visto que essas instituições possuem perfis abertos, uma estratégia para conseguir um maior número de visualizações, incluindo o alcance dos algoritmos na rede social em análise. Tomamos apenas por “uma” estratégia, pois é possível perceber mais algumas outras, como o uso da hashtag e a menção ao perfil da pessoa que aparece na foto (@gisele).

Essa postagem, que aparece no perfil em formato carrossel, possui 4 imagens da modelo brasileira, e a escolha pela primeira delas se deve exatamente ao fato de a marcação ao perfil de Gisele Bündchen aparecer nessa primeira, como ilustrado no exemplo, o que se revela tanto pelo ícone de usuário no canto inferior esquerdo da postagem quanto pelo nome do perfil que aparece ao clicarmos nesse ícone.

Na postagem, outras estratégias de alcance são utilizadas pelo locutor para engajar interlocutores, como é o caso do uso da hashtag #DiaMundialdoMeioAmbiente. Esse gesto tecnolinguageiro de *linkagem*, por mais que pareça ter um caráter “deslinearizado”, é amplamente utilizado com o propósito de engajar outros usuários, por exemplo, chamando a atenção daqueles que acompanham a hashtag ou que procuram por ela apenas pelo contexto da data comemorativa, como o dia do meio ambiente, a que a postagem se refere.

De acordo com Paveau (2021), os textos nativos digitais possibilitam uma “clicação”, isto é, a possibilidade de, por um gesto linguageiro de “toque”, chegar a outros textos. Na análise que apresentamos aqui, pensamos ser pertinente destacar os recursos clicáveis, pois tanto o elemento @ quanto o elemento # geram trechos clicáveis que levam a outros textos ou a outros perfis no ecossistema. Em termos textuais, poderíamos dizer que a clicação gerada pelo uso desses elementos se caracteriza como um recurso intertextual, por possibilitar a relação entre textos. Note-se que, por exemplo, as duas formas em destaque na legenda da postagem, na cor azul, possibilitam ao usuário clicar e “sair” da postagem primeira, sendo levado a outros textos (ou a um conjunto de textos), gerando o que Paveau (2021) considera uma “deslinearização”, ou seja, um ato que possibilita chegar a outros textos apenas via clicação, sem uma “linearização” precisa na leitura da postagem e na interação com ela. Esses recursos, além disso, podem ser reveladores de posicionamentos assumidos pelos usuários que interagem nos ecossistemas digitais. Essas formas próprias da tecnodiscursividade geram muitos sentidos e possuem muitas funções, como é o caso de engajar o interlocutor e de demonstrar os posicionamentos do locutor/enunciador, como se percebe com os usos dos elementos @ e #, respectivamente.

Agora, chegamos a um dos pontos da análise mais pertinentes à discussão: o uso do @ para mencionar usuários. Na tese em andamento na qual este artigo se insere, temos demonstrado alguns usos do @ nas redes sociais. Segundo Martins (no prelo):

Temos observado alguns usos dêiticos que podem passar a configurar novas formas dêiticas em contexto digital. Em relação à dêixis pessoal e à dêixis social, o uso do @ como configuração do nome de usuário tem se mostrado bastante produtivo. Esse primeiro caso de forma dêitica na tecnodiscursividade está atrelado ao gesto tecnodiscursivo de “mencionar”/“marcar” e diz respeito à referência feita à segunda pessoa do discurso – por vocativo ou não – ou a uma outra pessoa qualquer que acaba sendo engajada na cena. Esse gesto tecnodiscursivo é tão “dêitico” e fortemente engajador que o usuário mencionado é, inevitavelmente, notificado em seu perfil. (Martins, p. 85, no prelo).

No caso da postagem, há uma menção ao perfil @gisele. Do mesmo modo que a utilização da hashtag, a menção via @ também torna o elemento clicável (o que é perceptível, até mesmo, pela mudança da cor). Acreditamos que esse recurso tenha sido utilizado pela Revista Caras com alguns propósitos, como: mostrar o post à própria Gisele Bündchen, modelo brasileira internacionalmente conhecida, e chamar a atenção dela; dar credibilidade ao post e ao perfil por gerar uma conexão com a pessoa retratada na postagem; engajar outros usuários que não seguem a página, uma vez que a modelo poderia, por exemplo, repostar, comentar ou agir por meio de outros gestos tecnolinguageiros na rede social, dentre outros propósitos.

No que diz respeito à relação que há entre o uso do @ e os papéis sociais e identidades que se evidenciam nos variados ecossistemas digitais, acreditamos que:

O @ utilizado em redes sociais como o Instagram, o WhatsApp e o X se configura como uma forma que se alinha à noção de pessoa e apresenta um caráter metadiscursivo de i) tanto revelar um posicionamento do usuário diante dos demais, em se tratando do próprio perfil; ii) quanto de engajar os demais usuários, em se tratando de interagir com os outros nas redes, interpelando-os. Além disso, esse mesmo @

funciona também como um modo de identificação, contribuindo para gerar uma identidade, uma vez que possibilita marcar, por exemplo, papéis e identidades dos agentes. (Martins, 2021; Martins, p. 72, no prelo)

Na postagem analisada, ao utilizar a identificação @carasbrasil, independentemente de quem produza as postagens – até porque não lidamos com o sujeito empírico que se assume como locutor – o usuário deste perfil fala sempre em nome da revista, representando o meio de comunicação pelo qual é veiculado. Tanto o locutor quanto os enunciadores são selecionados e aparecem no texto de modo a reforçar os pontos de vista assumidos pelo perfil que representa, a Revista Caras. Do mesmo modo, ainda que o perfil de Gisele Bündchen não seja administrado apenas por ela, é a identidade dela que estará em evidência quando qualquer postagem, em qualquer formato, for compartilhada. Isso revela como a noção de campo dêitico se relaciona com os textos também no contexto digital, pois quem quer que se instaure como locutor em determinado texto produzido no ecossistema digital também fará corresponder ao seu ato de dizer papéis sociais e identidades que se relacionam aos demais e posicionamentos que assume. (Martins, no prelo) Vejamos mais um exemplo.

Continuando nossa discussão sobre o uso do @ na tecnodiscursividade como recurso dêitico que marca a relação eu-tu nas redes sociais, mas também revela posicionamentos dos interlocutores, atentemos para o segundo exemplo, apresentado na Figura 2. A menção via @ diz respeito não somente à referência feita à segunda pessoa do discurso, mas também a uma pessoa qualquer que acaba sendo engajada na cena, fugindo do traço dêitico fundamental de engajar por meio de vocativos, por exemplo, como uma segunda pessoa direta.



Figura 2 – postagem de feed do Instagram do perfil @nocasomila.

Fonte: https://www.instagram.com/p/C0eSKdksXo5/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 05 dez. 2023.

Expandimos, assim, a função dêitica nas redes sociais para o fator metadiscursivo de engajamento que, por exemplo, por meio da notificação, chama a atenção do interlocutor para a cena, isto é, mesmo que alguém seja engajado em uma estrutura que não o torna uma segunda pessoa direta, ainda assim ele será notificado e, portanto, engajado, convidado a se envolver no campo dêitico digital que se cria naquela postagem específica. Nessa primeira imagem do exemplo 2, escolhida apenas por ser a “capa” do formato carrossel de um total de sete imagens, a influenciadora digital cearense Mila Costa instaura alguns perfis na legenda, por meio da menção, sem, no entanto, marcar os perfis nessa imagem primeira, diferentemente do exemplo 1, da Revista Caras, perceptível tanto pelo ícone quanto pelo nome do perfil em cima da imagem.

Os diversos perfis marcados por @nocasomila tanto são engajados metadiscursivamente quanto, pela estrutura como se coloca, são perfis/pessoas sobre quem a dona do perfil fala (possivelmente, para seus seguidores), sem, estruturalmente, evocá-los como segunda pessoa direta, por meio de vocativos, por exemplo. Independentemente de ser instaurada como pessoa do discurso ou não, os perfis instaurados pelo gesto tecnolinguageiro de “mencionar” são convocados a engajar-se diretamente na cena, e isso se dá não apenas ao bel-prazer de quem cria a postagem, mas pelo recurso próprio do ecossistema no qual a menção acontece. Mila, por exemplo, não conseguiria convocar o ator e humorista Max Petterson se não o fizesse por meio do @maxpetterson, pois isso é uma restrição do próprio ecossistema, que assegura que os usuários sejam mencionados apenas pelo @ que escolheram para si.

Desse modo, a função dêitica na tecnodiscursividade expande o engajamento e a relação eu-tu por meio apenas da interação direta, via vocativos, mas também proporciona que esse engajamento se dê pela ação tecnolinguageira de mencionar. Dizemos, portanto, que há dois modos de instaurar interlocutores em cena, por meio da utilização do @, fazendo com que eles sejam notificados em ambiente digital:

- **o @ engaja o participante direto**, como a segunda pessoa do discurso, marcada pela forma clássica de vocativo acompanhada pelo gesto tecnolinguageiro de mencionar em redes sociais, acompanhado de uma notificação;
- **o @ engaja participantes não-diretos**, sobre quem se fala, sem que haja uma instauração direta a eles como “tu” na cena, a partir do gesto tecnolinguageiro de mencionar em redes sociais, que costuma acontecer acompanhado de uma determinada notificação pelo próprio ecossistema.

Além disso, como temos afirmado, o uso do @ funciona também como um modo de posicionar-se na tecnodiscursividade, além da #, uma vez que o elemento também pode ser responsável por marcar, por exemplo, papéis, identidades e posicionamentos dos agentes em redes sociais, como demonstramos em uma comparação entre o exemplo 2 e o exemplo seguinte.

O exemplo 3, retirado de uma reportagem de 2015 do Jornal G1, apresenta um registro temporal que demonstra uma modificação pela qual a influenciadora Mila Costa (a do exemplo 2) passou ao se posicionar no contexto digital. Chamamos atenção para o exemplo 3, explicitado pela Figura 3, ao apresentar o modo pelo qual a influenciadora cearense chamava a si própria e era conhecida pelos seguidores: nocasoconcurseira. A escolha pelo modo como gostaria de ser chamada revelava tanto o posicionamento de Mila quanto as temáticas do conteúdo

que ela produzia e compartilhava nas redes sociais. Ao perceber que, com a pandemia, outros tipos de conteúdos passaram a ser produzidos por ela e se tornaram “virais”, Mila passou a se dedicar mais fortemente a outros tipos de conteúdo e, com isso, além de modificar o seu posicionamento, passou a demonstrá-lo por meio de uma nova “identidade”, revelada também por meio do seu @: **@nocasoconcurseira**, o que demonstrava que não apenas os conteúdos voltados para concursos públicos estariam presentes nas redes sociais, mas também outros conteúdos da própria vida de Mila, ao optar por migrar de um papel social específico (o de concurseira) para um mais amplo (a vida de Mila e tudo aquilo que ela compartilhasse).

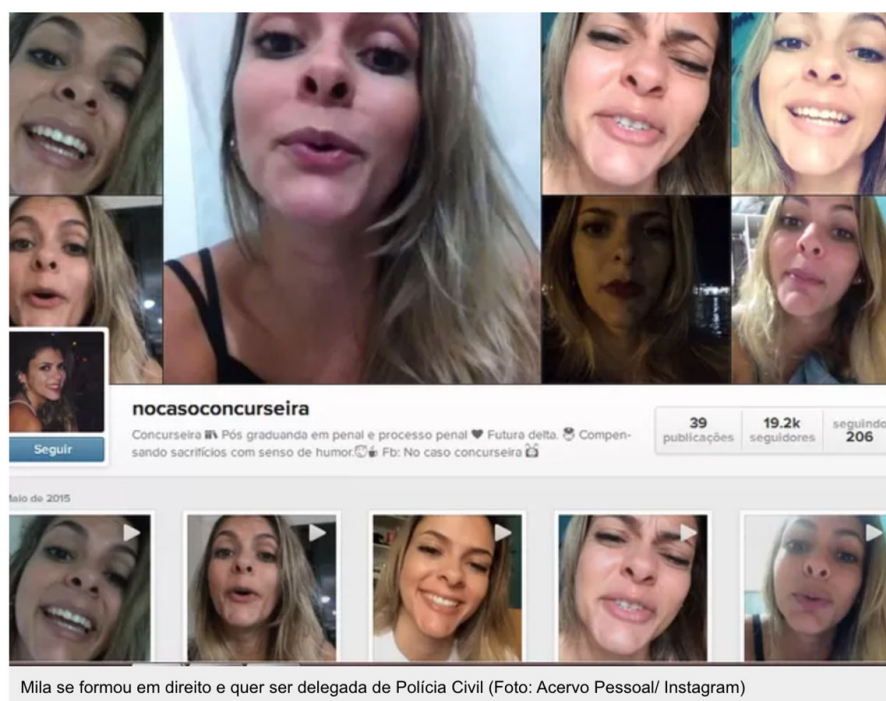


Figura 3 – Mila Costa como @nocasoconcurseira no G1.

Fonte: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/06/cearense-faz-videos-divertidos-sobre-vida-de-concurseira.html>. Acesso em: 05 dez. 2023.

Isso traz consequências também para o público-alvo a quem o perfil se destina, saindo de um público mais restrito, o de concurseiros, para um mais amplo, o de todos aqueles que possam identificar a si mesmos e a outros nas postagens cotidianas da blogueira, que versam sobre tópicos como maternidade, relacionamentos, vida de dona de casa, perfil de adultos com mais de 30 anos e outros conteúdos produzidos entre a seriedade e o humor. Nesse ponto, retomamos Martins (2019), que apresenta como característica da dêixis pessoal o papel de identificação em que os interlocutores se envolvem. Na tecnodiscursividade, pensamos que esse traço percebe-se de modo mais latente, identificável por gestos tecnolinguageiros como o de compartilhamento e o de comentário.

A passagem de “nocasoconcurseira” para “@nocasomila” é apenas um dos exemplos pelos quais os perfis passam e que emergem por meio do @, demonstrando como esse é um recurso que evidencia um modo de posicionar-se na tecnodiscursividade.

6 Algumas conclusões

Neste artigo, procuramos demonstrar parte dos estudos ainda incipientes e desafiadores acerca de um redimensionamento da noção de dêixis e da proposta de um campo dêitico digital. Propusemos um redimensionamento na noção de dêixis que permita abarcar outros modos de manifestar a interação eu-tu em contexto digital, de modo a contemplar, além dos fatores linguísticos, discursivos e sociais, também os fatores tecnológicos que se imbricam àqueles na tecnodiscursividade. Consideramos, para isso, o acontecimento do texto e as encenações que os interlocutores simulam a cada vez ao interagirem, em oposição ao recorte situacional cujas coordenadas se arranjam a partir do eu para a criação do campo mostrativo e que se evidenciam apenas por formas linguísticas mais estritas, numa perspectiva mais centrada em elementos apenas verbais.

Ao considerarmos, por exemplo, o @ nas redes sociais como uma forma de menção e marcação no jogo enunciativo no contexto digital, projetamos mais do que uma relação entre locutor e interlocutor que se posicionam e se engajam, mas relacionamos às identidades e papéis sociais que emergem nas interações, nos textos.

Mas esses são alguns passos iniciais em direção ao objetivo maior de verificar a ocorrência do fenômeno da dêixis e do campo dêitico em uma dimensão ampliada de recursos que se relacionam ao eu-aqui-agora que parte daquele que se coloca como centro das ações de linguagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, à professora Mônica Magalhães Cavalcante, pela orientação sempre atenta e cuidadosa, e ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa de doutorado em andamento.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral*. 2. ed. Tradução de Maria G. Novak; Maria L. Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. Campinas: Pontes, 1988.
- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Tradução de Fábio Creder. Editora Vozes. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2019 [1981].
- BÜHLER, K. *Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Jena: Fischer, 1934.
- CAVALCANTE, M. M. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. 2000. 218 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras, Doutorado em Linguística, Recife, 2000.
- CAVALCANTE, M. M. Referentiality. In: JUNGBLUTH, K.; DA MILANO, F. (org.). *Manual of Deixis in Romance Languages*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2015. p. 493-510.
- CAVALCANTE, M. M.; FARIA, M. G. S. Posicionamento e engajamento em redações dissertativas. *Diadorim*, v. 6, p. 131-148, 2009.
- CAVALCANTE, M. M.; MARTINS, M. A. Referenciação em síntese. In: LIMA, A. H. V.; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S. A. S. (org.). *Linguística Geral: os conceitos que todos precisam conhecer*, 2020a. p. 237-272.

- CAVALCANTE, M. M.; MARTINS, M. A. Uma relação entre dêixis e metadiscursividade. *Revista de Letras*, v. 39, n. 2, p. 56-63, 2020b.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. (*Con textos Linguísticos*, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* Referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. *et al.* *Linguística textual: conceitos e aplicações*. Campinas, SP: Pontes editores, 2022. p. 269-329.
- CHARAUDEAU, P. Por uma interdisciplinaridade “focalizada” nas ciências humanas e sociais. In: MACHADO, Ida; COURA-SOBRINHO, Jerônimo; MENDES, Emília (org.). *A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em estudos da linguagem*. Belo -phorizonte, Netii Fale/UFMG, 2013. p. 17-52.
- CIULLA, A. *A referenciação anafórica e dêitica – com atenção especial para os dêiticos discursivos*. 2002. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.
- CIULLA, A. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. 207 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- CIULLA, A.; MARTINS, M. A. Um estudo sobre classificações de tipos dêiticos. *Revista de Letras*, v. 2, n. 36, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/31256>. Acesso em: 14 jun. 2023.
- FONSECA, F. I. *Dêixis, tempo e narração*. Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1989.
- GARFINKEL, H. *Estudos de Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 2018 [1967]. 376 p.
- GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 273 p.
- HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. In: BENTES, A. C.; RESENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (org.). São Paulo: Cortez, 2008.
- LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- MARTINS, M. A. *A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais*. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.
- MARTINS, M. A. *Dêixis como fenômeno de linguagem*. [Comunicação oral apresentada via plataforma digital do Google Meet no II Fórum de Debates do Grupo Prottexto. Evento *on-line*]. 2021.
- MARTINS, M. A. *Interação, enunciação e campo dêitico digital*. Tese em andamento. no prelo.
- MONDADA, Lorenza. Social Interaction. In: JUNGBLUTH, K.; DA MILANO, F. (org.). *Manual of Deixis in Romance Languages*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2015. p. 661-683.
- MONDADA, L. O papel constitutivo da organização discursiva e interacional na construção do saber científico. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. (org.). *Texto, discurso e argumentação*. 1. ed. Tradução de Mariza Brito. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 175-183.
- PAVEAU, M.-A. *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição*. Tradução de G. Costa, d. Massmann. Campinas: Pontes, 2013 [2006].
- PAVEAU, M.-A. *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*. Tradução de Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2021 [2017].